

# O PROLETÁRIO

N.º  
40

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas  
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00  
(um real) para o custeio da publicação do jornal

## NESTA EDIÇÃO:

Atividade de discussão política	4
Convocação a uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias internacionalistas	5–11
A APEOESP E A CAMPANHA SALARIAL PARA 2004	12
FILA VIRTUAL DISQUE SAÚDE/ DOENÇA	14/18
O ovo da serpente—pelo fim do capitalismo	19/20
<i>Reunião do Comitê Nacional de Luta Direta</i>	21
<b>Adquiram a Resolução Política do 6.º Congresso do POM</b> <b>Vejam: Como o Estado capitalistas diante da prolongada crise de superprodução, se dirige para a barbárie e assume o estado pré fascista;</b> <b>Vejam como o PT se transforma de social reformismo para social imperialismo.</b>	

Escreva para o Jornal *O Proletário*  
Caixa Postal n.º 140  
CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

Venham para os cursinhos de Marxismo.  
Informem-se!

Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário), com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

## Movimento Contra o Desemprego

A violência do desemprego é fruto do próprio sistema capitalista uma vez que: a produção é realizada segundo os interesses de pessoas ou grupos econômicos (sem planejamento global) e unicamente visando o lucro e cada vez mais lucro (apropriação individual da produção coletiva). Estes simples fatores já levam por um lado a uma grande concentração de capital em poucas mãos e por outro lado, uma multidão de famintos.

Os capitalistas descobriram que o desemprego é um bom remédio para diminuir os salários de quem está trabalhando, mantendo e aumentando assim o lucro, pressão e ameaça aos trabalhadores empregados no sentido de não reclamarem, não lutarem, pois caso ocorram lutas, serão substituídos pelo exército de trabalhadores desempregados de reserva.

As novas tecnologias e o maquinário moderno vieram agravar ainda mais este problema, mas não é a causa principal. Com as máquinas modernas, os capitalistas empregam menos gente e produzem ainda mais. Queremos, com as máquinas modernas, trabalhar menos e ganhar mais.

Ocorre que, a ganância do próprio sistema capitalista leva-o a uma contradição monstruosa, sem retorno e sem solução nos marcos do sistema.

Os patrões querem cada vez mais lucros e para isto, abaixam salários e reduzem o número de empregados por um lado e, por outro lado com muita gente ganhando pouquinho que não dá para comprar nem a comida suficiente para sustentar a família, além de milhares e milhares de desempregados sem nenhum salário. Assim, os produtos fabricados cada vez mais ficam estocados, o povo precisando deles, mas como não podem comprar, a produção sobra. Os grandes capitalistas passam a brigar entre si, inicialmente na briga comercial para ver quem vai vender mais para os poucos trabalhadores que ainda podem comprar e num grau mais elevado aparecem as guerras imperialistas, por mercado, matéria-prima e domínio do mundo.

Trabalhadores (as)! É um absurdo! Os patrões utilizam o desemprego para ganhar mais dinheiro, rebaixando os salários. Nas eleições, candidatos da esquerda à direita prometem soluções e mais soluções. Este fenômeno se dá no mundo inteiro. As Direções das Organizações operárias (Sindicatos, Centrais Sindicais e dos Partidos políticos ditos de esquerda) não trabalham para contrapor esta situação.

Até quando os Trabalhadores que são a maioria irão suportar desunidos esta

violência e padecendo individualmente nas portas das agências de empregos, nas filas de desempregados vendo a família passar muitas das vezes até fome?

Chamamos todos!

Empregados e desempregados para nos unir, reverter a ordem, assim como a burguesia utiliza os desempregados como exército de reserva para ganhar mais dinheiro com nossa fome, unamo-nos para que nos transformemos em um exército contra os exploradores.

Exigimos:

- Emprego para todos;
- Redução da Jornada de trabalho, ou seja, repartir o trabalho com empregos para todos, sem reduzir o salário. Hoje, a burguesia usa o desemprego para ameaçar quem está trabalhando e fazê-los escravos submisso, com todo tipo de humilhação. Mais de 31,1 milhões de trabalhadores (os que tiveram a sorte de continuar empregados) trabalham acima de 44 horas semanais, com horas extras;
- Salário mínimo capaz de satisfazer todas as necessidades da família, pois nos países imperialistas é de 1200 dólares;
- Passe gratuito aos desempregados, sem burocracia e enrolação;
- Isenção das contas de água, luz

e carnê de IPTU;

- Fim das enrolações nas agências de emprego;
- Maior incentivo aos cursos profissionalizantes;
- Salário desemprego até arrumar outro emprego;
- Não à opressão das mulheres. Direitos iguais no salário e nas oportunidades;
- Volta do direito ao deficiente de usufruir o transporte gratuito (o Governo Estadual cortou este direito);
- Por um plano de Obras Públicas. Exemplo: Construção de Moradia Popular para trabalhadores de baixa renda com mão de obra registrada diretamente do Estado;

Organize um Comitê contra o desemprego no seu bairro ou município!

**Contatos:** Caixa postal número 140 – CEP. 09910-970, Diadema - São Paulo.

**Movimento contra o desemprego**

## Atividade de discussão política

Tendo em vista:

- O avançado grau da crise de superprodução do capitalismo em escala mundial, as disputas comerciais (Blocos econômicos, ALCA e etc.), as guerras imperialistas pelo controle de mercados, matérias-primas e do planeta;
- O aumento da miséria, desemprego, fome e violência de todos os níveis;
- Diminuição do estado no que se refere aos serviços públicos e aos direitos históricos conquistados pela classe trabalhadora;
- Ampliação do Estado no tocante ao controle, cooptação, caridade e solidariedade em contraposição aos direitos, aceitação e convivência com a sociedade barbarizada, bem como a fase pré-fascista deste;
- A traição das revoluções operárias, o fenômeno do Stalinismo do Centralismo Burocrático;
- A burocracia que funciona como correia de transmissão da burguesia, instrumento de conciliação de classe, de cooptações e hoje no Brasil de sustentação de um governo Social Imperialista (Frente Popular) nos Sindicatos Operários e Movimentos Sociais;
- O processar da experiência dos oprimidos com o Governo PT e as tarefas que estão por vir;
- Da tendência a posições anárquicas tanto na Construção do Partido como mesmo entre a juventude, em contraposição as experiências de construção de partido PT, bem como do Centralismo Burocrático do Stalinismo e

das correntes pequeno-burguesas que falam em nome do Marxismo e do operariado sem fundir a teoria e a prática, se conformando na democracia formal e, portanto, no centralismo burocrático

- Tendo em vista a necessidade da discussão teórica em inter-relação com a prática revolucionária;
- A construção das idéias coletivas para desmascarar as idéias e a superestrutura capitalista da propriedade privada dos meios de produção, rumo a Ditadura do Proletariado (aliança operária camponesa ou a forma das Assembléias permanentes dos oprimidos pelo capital que não exploram o trabalho de outros);

Tendo em vista finalmente a necessidade da Organização Independente do Proletariado em escala Internacional.

Convocamos:

Todos os Lutadores e lutadoras para a atividade de discussão política a ser realizada em 17 de abril de 2004 às 15:00 horas no Galpão da Associação OESTE em Diadema, Rua Dona Maria Aparecida n.º 50, Vila Nova Conceição, Bairro Serraria com as pautas:

- A Construção do Partido Operário Marxista (Partido Revolucionário);
- Conferência Internacional dos Trotskistas;
- Tarefas e encaminhamentos sobre os temas anteriores;
- Tarefas e encaminhamentos sobre as lutas que estão se desenvolvendo ou necessitam desenvolver no momento.

Assinado: Proletários Marxistas

**Adquiram a Resolução política do**  
**6.º Congresso do POM**

## **Convocação a uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias internacionalistas**

As organizações revolucionárias que elaboraram e assinaram este documento – Luta Marxista do Peru, o Grupo Bolchevique da França, o Grupo Comunista Operário da Nova Zelândia, o Grupo Operário Internacionalista (QI) do Chile e a Liga Operária Internacionalista (QI) - Democracia Operária da Argentina – concordaram em convocar, sobre a base dos princípios e lições programáticas nele contidas, a uma Conferência Internacional dos trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias internacionalistas.

Em dezembro de 2002, reunimo-nos no Congresso do COTP-QI em Buenos Aires e, ao calor da revolução argentina, da heróica luta do povo palestino e dos preparativos da guerra contra o Iraque, decidimos lançar uma convocação a uma Conferência internacional, sobre a base das lições revolucionárias e de acordos programáticos essenciais sobre esses fatos cruciais da luta de classes mundial. Fruto desses acordos e dessa luta comum foi a declaração conjunta pela vitória do Iraque frente à agressão imperialista que publicássemos em 22 de janeiro de 2003, levantando uma posição principista e internacionalista e concentrando nela a luta contra as direções traidoras agrupadas no Fórum Social Mundial – verdadeira internacional contra-revolucionária – e contra as correntes revisionistas do trotskismo e liquidacionistas da IV Internacional que se subordinaram a ele ou não.

Desde então, e nos meses que passaram, o proletariado mundial deu duros combates e sofreu novas derrotas e traições repetidas, no Iraque, na Palestina, na Argentina, na Bolívia, na Venezuela.

Os revolucionários internacionalistas têm que dizer com firmeza que os triunfos parciais conseguidos pela contra-revolução e a reação burguesa-imperialista não se devem à falta de heroísmo no combate por parte dos explorados, nem muito menos aos avanços técnicos e militares das tropas genocidas imperialistas.

O ascenso revolucionário dos fins dos anos 60 e princípio dos '70 foi mundial: mobilização da juventude e dos operários na China, revolução antiburocrática na Checoslováquia, guerra do povo vietnamita; greve geral na França, greves em grande escala na Itália, greve vitoriosa dos mineiros na Grã-Bretanha, movimentos nacionais na Irlanda e no País Basco, movimento estudantil no México, revolução na Bolívia, luta

dos negros e movimento antiguerra nos Estados Unidos, Cordobazo na Argentina, revolução no Chile e em Portugal... Mas esta onda foi contida e traída pelos nacionalistas burgueses e pequeno-burgueses e as direções do movimento operário.

A partir dos anos 80, este novo atraso infligido à revolução mundial permitiu às burguesias dos países imperialistas retomar a ofensiva. Um episódio chave foi a derrota dos mineiros britânicos em 1985, mas o acontecimento decisivo foi a destruição da URSS em 1991 e o restabelecimento consecutivo do capitalismo na Rússia pela burocracia stalinista que usurpou o poder dos trabalhadores desde 1924.

Esta vitória histórica da burguesia mundial impulsionou o imperialismo norte-americano a colar-se à cabeça de coalizões que esmagaram o Iraque em 1991, os Bálcãs em 1999, o Afeganistão em 2002, e o Iraque novamente em 2003.

Mas as potências imperialistas são incapazes de estabilizar a situação. Em fins do século XX, sucederam-se lutas de massas na África do Sul, a Intifada de 1987 na Palestina, manifestações massivas na Alemanha Oriental e na China em 1989, as greves de novembro-dezembro de 1995 na França, as greves de 1997 na Coreia do Sul, as revoluções da Albânia e da Indonésia em 1997. O século XXI começou com poderosas mobilizações de massas, como a heróica luta palestina em 2000, o levantamento na Argélia, as greves e manifestações na Itália e a revolução na Argentina em 2001, o levantamento na Bolívia em 2003... A guerra do Iraque foi contestada por uma enorme mobilização antiimperialista de massas em todo o mundo que golpeou ademais no coração dos países centrais. O proletariado da Europa combate contra a liquidação das conquistas arrancadas durante os precedentes ascensos revolucionários.

É preciso dizer a verdade às massas por mais dura e cruel que seja: as derrotas, os retrocessos nos processos revolucionários, as derrotas militares das nações oprimidas, todas foram produtos da traição das direções que o proletariado e as massas exploradas têm a seu frente, a maioria das quais estão agrupadas no Fórum Social Mundial.

O imperialismo com sua cadeia de triunfos contra-revolucionários, procura uma saída à crise econômica mundial, descarregando-a sobre a classe operária e os povos oprimidos do mundo e, ao mesmo tempo, agudizando as disputas interimperialistas. Está por ver-se se poderá conseguir. As direções contra-revolucionárias de toda cor e pelagem, procuram consolidar este triunfo da contra-revolução, fazendo as massas chegarem à conclusão de que o imperialismo não se pode derrotar.

A perspectiva imediata da situação mundial, então, depende das lições que saquem as massas das riquíssimas experiências de aprendizagem que estão deixando as guerras, o crac e o agudizamento das condições da época.

É então sob estas novas condições que cremos indispensáveis, sobre a base das lições revolucionárias dos combates dados, das derrotas e as traições sofridas pelo proletariado mundial, separar com nitidez os reformistas, liquidacionistas e centristas dos revolucionários internacionalistas, e preparar os próximos combates que deverá enfrentar o proletariado internacional nos momentos que se agudiza a contra-ofensiva imperialista iniciada nos princípios dos anos 80 contra a classe operária, os Estados operários (os países nos quais o capital havia sido expropriado), os povos oprimidos do mundo.

O combate dos internacionalistas, sob as condições do crac, da guerra e da revolução, por conquistar um grupamento internacional com lições e um programa revolucionário para preparar os próximos combates, já é uma tarefa contra relógio.

A guerra imperialista contra o Iraque, como ontem a heróica luta palestina e a revolução argentina, estabeleceu um novo divisor de águas não só com as direções traidoras, senão também e fundamentalmente com os revisionistas do trotskismo que as sustentam e legitimam pela esquerda. As distintas alas dos liquidacionistas da IV Internacional ficaram presas às saias da ONU e aos imperialistas do eixo franco-alemão, capitulando aos restos apodrecidos do stalinismo e da socialdemocracia; ou bem das saias das burguesias nacionais como na Venezuela, ou das variantes radicais do movimento nacionalista pequeno-burguês como Hizbollah e Hamas.

Na revolução argentina, foram inimigos de lutar pelo armamento e para pôr em pé e desenvolver organismos de democracia direta e auto-organização das massas, e utilizaram as reivindicações mínimas e democráticas do programa revolucionário como uma corda lançada ao pescoço das massas. São continuadores como serventes dos desfeitos do stalinismo e em sustentadores do regime infame odiado pelas massas.

No Brasil, todas as correntes revisionistas do trotskismo e liquidacionistas da IV Internacional apoiaram abertamente e chamaram a votar no governo de colaboração de classes de Lula-Alencar, e das fileiras de alguns delas provem ministros, governadores e secretários de estado do reacionário regime brasileiro. Na França, estas correntes são sustentadoras do regime imperialista da V República: chamaram diretamente a

votar pelo mal “menor”, em Chirac contra Le Pen; ou bem o sustentaram pela via de negar-se a lutar pelo boicote e a greve geral ante o segundo turno. Na França, na Espanha, na Itália, na Grã-Bretanha, etc., estas correntes se encontram totalmente subordinadas à social-democracia, aos novos partidos dos stalinistas reciclados, à aristocracia operária e às burocracias sindicais.

Estes são tão só alguns exemplos de que os liquidadores da IV Internacional cruzaram o Rubicão. Estas correntes liquidacionistas e revisionistas não deixaram pedra sobre pedra da teoria e do programa do marxismo revolucionário. Sua bancarrota é total.

Por esta razão, para sacar as lições revolucionárias dos combates dados e das traições sofridas, para impedir que as bandeiras do trotskismo fiquem em mãos destes usurpadores e impostores, para re-agrupar as filas dispersas dos internacionalistas revolucionários, para lutar por pôr em pé partidos leninistas de combate num Centro Internacional, impõe-se indispensável a convocação imediata ao grupamento das forças sãs do movimento operário e em particular daqueles que se reivindicam da continuidade do trotskismo e da IV Internacional.

Os convocantes desta Conferência, viemos todos do estouro da IV Internacional e mantemos diferenças que discutiremos publicamente no periódico organizador desta Conferência Internacional. A mais importante dessas diferenças está estabelecida ao redor do caráter atual da Internacional revolucionária. Para uma opinião, a luta por uma nova, Quinta internacional, se volta imprescindível.

Outros propõem que a organização construída por Trotsky, a IV Internacional, morreu, mas que seu programa está vivo e que militantes e re-agrupamentos continuam procurando a via da revolução socialista mundial referindo-se a ela, e levantam, portanto, uma fórmula algébrica “pela Internacional operária revolucionária”, propondo que será a discussão e a ação consciente das forças vivas que construam esta obra histórica as que moldaram suas formas concretas.

Para outros, a luta segue sendo mais do que nunca, hoje, pela regeneração e re-fundação da IV Internacional, porque sua teoria e programa mantêm total vigência e atualidade e passaram a prova da história, e são os usurpadores e renegados do trotskismo os que não passaram. E porque é essa vigência e atualidade de sua teoria, programa e estratégia o que determina o número que leva uma Internacional, tal qual demonstrou a experiência do proletariado mundial desde mediados de século XIX.

Mas estas discussões – bem como outras que

estão propostas para a Conferência Internacional–, as faremos num Centro Internacional comum, pois nos uniu o programa frente a acontecimentos candentes da situação internacional: o crac, a revolução e a guerra. Longe estamos então de toda alquimia centrista e de assinar acordos com os que possam chegar, logo de firmá-los, a trair ao proletariado.

Convocamos, então, a uma Conferência Internacional para avançar em pôr em pé um Centro Internacional do marxismo revolucionário. O programa que aqui impulsionamos para esta mesma Conferência, não está escrito para pequenos círculos de eruditos nem para conselhos de redação dos jornais marxistas. É um programa que nos obrigamos a levar – e a lutar por ele – ao coração das organizações operárias de nossos distintos países. Centenas de organizações operárias e de luta são levadas pelas organizações traidoras aos pés da ONU e dos imperialistas franceses e alemães no Fórum Social Mundial. Nossa luta será para que as organizações de combate da classe operária se pronunciem por este programa revolucionário. Eles também terão um lugar de honra nesta conferência junto aos revolucionários trotskistas.

A época de crise, guerras e revoluções não darão sossego nem paz aos liquidadores do marxismo e da IV Internacional. Nossas forças são ainda mais do que débeis, mas nosso programa e as idéias que defendemos são o resultado de mais de um século e meio de luta do proletariado mundial. Merecem viver, e mais cedo que tarde se farão carne em milhões de explorados que entram ao combate.

Viva a luta por uma Conferência internacional das forças sãs do trotskismo e das organizações operárias revolucionárias internacionalistas!

*20 de Agosto de 2003*

**Coletivo por uma Conferência Internacional do Trotskismo Principista**  
*e das organizações operárias revolucionárias internacionalistas*

\*Communist Workers Group (Nova Zelândia)

\*Groupe Bolchevik pour a construction du Parti ouvrier révolutionnaire,  
de l'Internationale ouvrière révolutionnaire  
(França)

\*Grupo Obrero Internacionalista - Cuarta Internacional (Chile)

\*Liga Obrera Internacionalista - Cuarta Internacio-

nal - Democracia Obrera (Argentina)

\*Lucha Marxista (Perú)

Página 07

**Acordos programáticos por uma Conferência Internacional**

Convocamos a uma Conferência Internacional, da qual poderão participar todas as correntes, grupos, frações, militantes que estejam pelos seguintes pontos de princípios e \*programáticos:

1. Todos tipos de pseudoteorias foram aceitas ou inventadas pelos revisionistas para explicar que o capitalismo decadente teria encontrado a forma de superar as crises e de desenvolver ilimitadamente as forças produtivas: “revolução científica e técnica”, “capitalismo monopolista de Estado”, “neocapitalismo”, “economia de armamento permanente”, “globalização neoliberal”, “nova economia”. Contra todas estas elucubrações, afirmamos que faz muito tempo, o capitalismo esgotou seu papel progressista: o imperialismo é reação em toda a linha. A contra-ofensiva imperialista atual e a guerra contra o Iraque são a resposta deste sistema capitalista agônico que, em sua fase imperialista, incapaz de superar a estreiteza das fronteiras nacionais, sobrevive explorando ferozmente os assalariados, separando da produção milhões de trabalhadores condenados à miséria, submetendo a maior parte do planeta ao subdesenvolvimento, à dívida e à dominação, destroem os recursos naturais, destruindo forças produtivas sob a forma de crises econômicas e guerras, voltando-se cada vez mais parasitário e destruidor e ameaçando em destruir a civilização humana.

2. Todas as potências imperialistas, na fase atual de crise e crac recorrentes da economia mundial – que desde 1997, e em sucessivas rondas, golpeou a Ásia e o Japão, o Brasil e a Rússia, a Argentina e Turquia, e que chegou ao coração mesmo do próprio Estados Unidos–, precisam imperiosamente fontes de matérias primas baratas, mão de obra escrava ou reservatórios da mesma, para aumentar os ganhos com a exploração do mundo colonial e semicolonial, com o qual o imperialismo, junto a explorar mais a sua própria classe operária, procura sair da crise atual aumentando a taxa de lucro. A atual ofensiva colonizadora do imperialismo norte-americano é também uma nova partilha do mundo em detrimento das potências imperialistas de segunda ou terceira ordem. A segunda guerra contra o Ira

que, levada pelo EEUU e pela Grã-Bretanha, pese à oposição de França e Alemanha, ilustra o

agudização inevitável das rivalidades entre os imperialismos. Se a revolução proletária não o impede, o capitalismo levará a humanidade a novas carnificinas mundiais, superiores às duas que assistimos no século XX.

**3.** Estamos na trincheira militar de toda nação oprimida atacada pelo imperialismo, por sua vitória militar e pela derrota militar do imperialismo, mas lutamos por uma direção proletária da guerra nacional, antiimperialista, que a transforme no início da revolução socialista, no país agredido e no seio da nação imperialista agressora. Proclamamos a quem nos queira escutar, que não é revolucionário nem antiimperialista todo aquele que nos países imperialistas não esteja incondicionalmente pela derrota de seu próprio imperialismo, e pelo triunfo da classe operária e das nações oprimidas por esse mesmo imperialismo. Chamamos à classe operária norte-americana, hoje amarrada pela política nacional-patriota da AFL-CIO, à classe operária do Japão e da Europa, a lutar para romper a subordinação das organizações operárias com a burguesia imperialista e a lutar contra ela, aliando-se com seus irmãos de classe dos países semicoloniais e coloniais, lutando pelo derrocamento de sua própria burguesia imperialista, de seu governo e seu regime, no caminho da revolução socialista.

**4.** Chamamos a combater a utopia de uma Europa capitalista unificada, e chamamos à classe operária européia a levantar a luta para derrotar a monarquia e o governo reacionário de Aznar na Espanha, a V república gaulista francesa e o governo antioperário e imperialista da Alemanha unificada, a monarquia e o governo imperialista de Tony Blair na Grã-Bretanha, etc. É dizer, chamamos ao combate para derrotar os governos e os regimes das potências imperialistas, para derrotar a burguesia, demolir o estado burguês e impor a ditadura do proletariado nesses países, abrindo o caminho aos Estados Unidos Socialistas de Europa.

**5.** Reafirmamos a vigência do programa da Revolução Permanente contra a política da "frente única antiimperialista" refutada desde a tragédia da revolução chinesa de 1927. Impulsionamos a mais ampla unidade de ação antiimperialista que signifique ainda que mais não seja um pequeno passo adiante da classe operária e os explorados em sua luta contra o imperialismo, mas mantendo sempre a mais absoluta independência e uma firme oposição e intransigência ante toda corrente burguesa, esteja na oposição ou no governo. Todas as burguesias semicoloniais são necessa-

riamente pró-imperialistas. Como sócias menores do imperialismo podem chegar a pechinchar a mais valia extraída dos trabalhadores de seus países, mas por sua condição de classe exploradora temem mais o início da revolução proletária que o triunfo do agressor imperialista. O nacionalismo burguês e pequeno-burguês, laico ou clerical, entrega permanentemente a luta nacional ante o imperialismo e mantém o proletariado e os povos sob a exploração capitalista. Lutamos pelo derrocamento da burguesia e a imposição de um governo operário e camponês, já que a única classe que pode libertar a nação oprimida do imperialismo é a classe operária, acaudilhando os camponeses e a todas as massas exploradas e oprimidas.

**6.** Denunciamos a rendição da burguesia iraquiana e da casta de oficiais antioperária de Saddam e sua Guarda Republicana ante os agressores imperialistas, que entregaram assim a guerra nacional do povo iraquiano e a luta antiimperialista das massas de todo Oriente Médio, enquanto hoje os restos do partido nacionalista burguês Baath se declaram prontos a colaborar com os ocupantes ianques e britânicos. Denunciamos as direções nacionalistas burguesas do povo curdo oprimido, que se aliaram aos invasores ianques e britânicos em sua guerra de colonialista contra o Iraque, quem não farão mais do que aprofundar a opressão e esmagar toda luta desse povo por seu legítimo direito à autodeterminação nacional, inclusive seu direito à separação do Iraque, da Turquia, da Síria e do Irã. Denunciamos os governos e regimes das burguesias árabes e persas do Oriente Médio que se mantiveram "neutras" frente à guerra contra o Iraque, negando-se a constituir, contra a coalizão militar imperialista, uma coalizão de todas as nações oprimidas do Oriente Médio, para enviar suas armas, munições, suprimentos e seus exércitos a combater o imperialismo no Iraque.

**7.** Denunciamos a burguesia palestina e a sua expressão política a OLP de Arafat, que entregaram a luta revolucionária do povo palestino e se ajoelham ante o imperialismo, ante o plano de "dois estados" da ONU e ante o sionismo. A burguesia palestina pretende administrar um remedeo de estado como agente dos imperialismos, traficando com o sangue do povo martirizado.

Declaramos guerra a todas as direções traidoras e aos renegados do trotskismo que sustentam o Estado sionista de Israel apoiando a política contra-revolucionária de dois "estados" da ONU e dos imperialistas. Lutamos pela destruição do Estado de Israel, e por um Estado palestino laico, democrático e não racista sob um governo operário e camponês no caminho de conquista



tar uma Federação de Repúblicas Socialistas do Oriente Médio.

**8.** Denunciamos Chávez e seu Movimento Bolivariano burguês que entregam a luta antiimperialista das massas venezuelanas. Chávez, numa mesa de negociação com EE.UU., com governos como o de Lula e “mensageiros da democracia” como Carter e Alfonsín, assinou um acordo pelo qual se entrega à reação imperialista e golpista, o que estas não puderam conquistar nas ruas em suas duas intencionas contra-revolucionárias.

Denunciamos também que na Bolívia, a COB, Quispe e Morales – dirigente do FSM –, deram trégua ao governo assassino de Sánchez de Lozada e impediram que a classe operária e os camponeses levassem ao triunfo o levantamento que tinham iniciado em fevereiro último. Na Colômbia, faz muitos anos, as tréguas e os pactos das FARC com os sucessivos governos genocidas desse país, isolaram a guerra camponesa no campo e por sua vez, deixaram livres a própria sorte o proletariado das cidades frente aos fascistas e “esquadrões da morte”. Ao mesmo tempo, a direção stalinista das FARC nega-se a expropriar um só poço de petróleo, nem um milímetro de terra nos territórios que controla. Abaixo as tréguas e os pactos! Pela independência das organizações operárias dos regimes, governos e das burguesias sipaias! Só desde a estratégia proletária poderá pôr-se em pé um movimento operário e camponês latino-americano que, em unidade com seus irmãos de classe, os trabalhadores norte-americanos, lute para pôr fim à ignomínia e à escravatura no “quintal” dos imperialistas ianques.

Desde esta perspectiva, fazemos nosso o grito de fora ianques de Cuba, do Equador, de Porto Rico, da Colômbia e toda América Latina! Fora as potências imperialistas européias tão chupa-sangue e espoliadoras dos povos latino-americanos como o amo ianque! Fora ingleses das Malvinas! ¡Por uma Federação das Repúblicas Socialistas da América Latina!

**9.** Chamamos à classe operária russa para que retome o caminho dos operários, soldados e camponeses vermelhos que em outubro de 1917 impuseram a primeira república operária e socialista triunfante. A luta pela restauração da ditadura revolucionária do proletariado nos territórios da ex-URSS é também uma tarefa do proletariado europeu e mundial. Enfrentamos os Kim Song Il de Coréia do Norte, Fidel Castro e a burocracia restauracionista cubana, e os novos burgueses restauracionistas chineses, que têm idealizado a pseudoteoria reacionária e antiope

ria do “socialismo de mercado” que, como de-

monstra a brutal exploração da classe operária chinesa, o avanço das medidas restauracionistas em Cuba e a submissão da classe operária argentina, é a política contra-revolucionária do Fórum Social Mundial para pôr a classe operária de joelhos ante os capitalistas. Ao mesmo tempo, no caso dos Estados operários burocráticos que ainda subsistem à beira da agonia, os defendemos incondicionalmente ante o imperialismo, enquanto lutamos para pôr em pé soviets operários e camponeses e pelo derrocamento das burocracias que se preparam em consumir a restauração do capitalismo nesses Estados.

**10.** Declaramos guerra a todas as direções penduradas às saias da burguesia, a sua política de colaboração de classes e suas “frentes populares”. A história demonstrou uma e outra vez que o caminho da conciliação de interesses entre os capitalistas e os trabalhadores é o caminho da derrota e o massacre das massas. Não existe possibilidade de melhoramento da situação do proletariado mundial em seu conjunto nem libertação de classe alguma pelo método da submissão aos interesses de qualquer facção dos exploradores.

**11.** Denunciamos e enfrentamos todos os serviços da ONU, incluindo a maioria dos renegados do trotskismo que se ajoelharam ante ela seguindo a sua nova dirigente Gladys Marín do traidor stalinismo chileno, secretária geral da Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina que se reúne duas vezes por ano, e porta-voz de Fidel Castro, o entregador da revolução chilena de 1973, da revolução centro-americana nos 1980, e que agora viajou à Argentina para sustentar a Kirchner e tentar entregar também essa revolução. Fidel Castro e sua porta-voz Gladys Marín, pontais do Fórum Social Mundial, declararam que “Outro mundo é possível” sem expropriar os capitalistas, com a continuidade da exploração da classe operária, chamando a “distribuir a riqueza” como vulgares democratas liberais, e da mão dessa cova de bandidos imperialistas que é a ONU. A mesma ONU que aprovou a primeira guerra contra o Iraque e o bloqueio genocida e que hoje tenta voltar ao Iraque para defender os interesses dos imperialistas franceses e alemães, a que em 1948 consagrou a ocupação de Palestina e a criação do Estado de Israel e hoje sustenta o massacre sionista contra esse povo com sua política de dois “Estados”; a que impulsionou e apoiou a guerra contra Coréia em 1950, etc.

**12.** Proclamamos que, como o pôs ao vermelho vivo a revolução argentina, o eixo de todo progra-

ma revolucionário, numa situação pre-revolucionária ou revolucionária, deve ser articulado ao redor de desenvolver, estender, centralizar e armar os organismos de democracia direta e autodeterminação das massas que como as assembleias populares, as fábricas tomadas, as comissões internas das fábricas arrebatadas à burocracia sindical e o movimento piqueteiro, expressavam a tendência das massas em estabelecer um regime de duplo poder. Quer dizer que, quando começa uma revolução, o que não luta pelo poder e pela perspectiva da ditadura do proletariado, é um vil servente do estado burguês. Por isso no Congresso do COTP-QI levantamos o grito de “Por um governo da Terceira Assembleia Nacional de trabalhadores ocupados, desocupados e assembleias populares, com seus organismos de autodefesa!”

**13.** Chamamos a combater abertamente o pacifismo que infecciona a consciência da classe operária, como assim também nos opomos à política pequeno-burguesa do terrorismo individual que se isola das massas numa luta impotente e, ademais, separa as massas das armas. O levantamento da classe operária e dos camponeses bolivianos, seu grito de “Fuzil, metralha, Bolívia não se cala”, marca o caminho para a conquista do armamento do proletariado. São as direções burguesas e contra-revolucionárias as que impedem o armamento do proletariado, o caminho à milícia operária e à destruição da polícia e da casta de oficiais das forças armadas burguesas. Assim mostrou a Palestina, onde é Arafat e a direção burguesa da OLP, junto ao Hamas e Hizbolah, os que impedem o armamento generalizado do povo palestino e o entregam ao massacre a mãos de Sharon e seu exército genocida. Nada disto nos impede defender contra a repressão a todo lutador antiimperialista e exige a liberdade

incondicional de todos os presos antiimperialistas do mundo.

**14.** Enfrentamos em todas partes as burocracias de toda pelagem das organizações operárias, compradas e corrompidas pelo grande capital, a burocracia sindical nacionalista burguesa, social-democrata e stalinista corrompida pelo Estado que submete os trabalhadores a seus interesses de camarilha e aos interesses da burguesia e do imperialismo, as direções das organizações de piqueteiros que submetem a classe obreira argentina hoje contida por migalhas de mendicância administradas pelo reformismo e que, junto à burocracia sindical, impedem a unidade dos trabalhadores empregados e desempregados e dividem as fileiras operárias. Os sindicatos, que

nasceram para a defesa dos interesses econômicos dos trabalhadores, foram convertidos pela burocracia sindical, cuja base real é a aristocracia operária, cada vez mais, através de muitas décadas, em aparelhos encarregados de submeter os trabalhadores à burguesia e seu Estado em proveito dessa burocracia, colaborando com a redobrada pauperização operária. Nós trotskistas lutamos nos sindicatos para eliminar sua burocracia, conquistar a democracia operária, e afirmamos que isto não é possível sem lutar pela total independência das organizações operárias do Estado burguês que as estatiza e as corrompe. Lutamos para impor a democracia operária através dos comitês de fábrica, dos piquetes de greve, para renovar as direções dos sindicatos propondo resolutamente nos momentos críticos dirigentes combativos, e para conquistar uma direção revolucionária dos sindicatos.

**15.** Proclamamos que todo povo que colabora em oprimir a outro está impossibilitado de liberar-se a si mesmo. As burguesias imperialistas exercem uma opressão colonial contra os restos de seu império colonial (Porto Rico, Irlanda do Norte, Martinica, Guadalupe, Nova Caledônia...) e ocupam novamente países dominados (Bósnia, Afeganistão, Iraque...). Estamos pela independência de todos os protetorados e de todas as colônias. Numerosos povos são mantidos pela violência no seio do Estado burguês a mãos de um povo dominante (basco, curdos, kabyles, tamiéis...)

Estamos categoricamente do lado da nação chechena oprimida e agredida, contra o genocídio que padece a mãos das tropas do exército branco contra-revolucionário de Putin e da burguesia russa, agente do imperialismo. Estamos pelo direito à autodeterminação nacional dos povos oprimidos, incluindo o direito a separar-se se assim o desejam. Em nenhum caso nos adaptamos ao nacionalismo pequeno-burguês ou burguês. Só o reconhecimento do direito à autodeterminação dos povos oprimidos assegura a unidade do proletariado. Pela mesma razão, pronunciamonos pela liberdade de circulação e de residência dos trabalhadores, pela completa igualdade dos direitos dos proletários.

**16.** Reafirmamos a vigência do leninismo-trotskismo, do programa da IV Internacional, como continuidade dessa escola de estratégia revolucionária que foi a III Internacional de Lênin e Trotsky. É dessa localização estratégica que chamamos a todas as correntes que dizem lutar pelos interesses da classe operária, para que

rompam com a burguesia e iniciem a luta pelo poder baseado nos organismos de autodeterminação e armamento das massas. No processo deste combate, estaremos dispostos a desenvolver toda frente única ou unidade de ação com toda corrente operária que esteja disposta a dar ainda que seja um passo para diante para que avance nossa classe. Mas como diria Lênin, estamos dispostos a golpear juntos, mas marchamos separados: antes, durante e depois não cessaremos em nossa crítica às direções reformistas que se vêem obrigadas a deixar seus luxuosos escritórios e pôr-se à cabeça da ação das massas.

**17.** O reformismo social-democrata e stalinista envenena os trabalhadores com a pretensão da reforma do Estado capitalista. Serve aos planos da burguesia desde os aparelhos políticos e sindicais, alia-se com ela por uma "democracia participativa" ou "popular" e administra lealmente seu Estado para impedir a revolução proletária. Social-democratas e stalinistas são traidores comprados pelo inimigo capitalista.

**18.** O centrismo pseudotrotskista falou de revolução durante cinquenta anos enquanto na prática se subordinava aos aparelhos reformistas. A QI-SU pablista, a QI-AIT lambertista, a LIT, a UIT, o MAS e o CITO morenistas, a UCI-O hardysta, a TSI cliffista, o CIT ou Socialist Appeal - O Militante grantistas, o MRQI altamirista, o POR lorista, etc., representam a claudicação e passou em sua grande maioria ao campo do reformismo.

**19.** A social-democracia, o stalinismo e as burocracias sindicais liquidaram os mais elementares princípios e moral de classe. Os centristas, revisionistas e liquidadores da IV Internacional os seguem neste caminho. O proletariado tem sede de franqueza, de honestidade, de devoção, da mais ampla democracia operária. Para discutir, para resolver e para atuar, os trabalhadores e a j

uventude devem desterrar das organizações operárias o método introduzido por estas direções que tentam dirimir ou acalmar as diferenças políticas ao interior do movimento operário mediante a calúnia, as amalgamas, e a violência física.

**20.** Afirmamos que o século XXI começa como terminou o XX, como uma época de crise, guerras e revoluções, pondo de manifesto todos os rasgos do capitalismo em decomposição. Contra todos os revisionistas do trotskismo que querem descarregar sobre as massas a responsabilidade das derrotas sofridas e ocultar suas próprias capitulações e traições dizendo que o problema é a "crise de subjetividade" das massas, o "atraso de

sua consciência", afirmamos que o começo do século XXI confirma a premissa central do programa da Internacional Comunista e do da IV Internacional: sem revolução social no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada por uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, quer dizer, em primeiro lugar, de sua vanguarda revolucionária: a crise histórica da humanidade se reduz à crise de direção revolucionária.

**21.** Os convocantes a esta Conferência internacional nos pronunciamos sobre a necessidade, para os núcleos revolucionários e internacionalistas, de construir partidos operários revolucionários e o partido mundial da revolução socialista, a partir das forças que se decantarão da luta das massas. Com tais organizações, a insurreição proletária poderá ganhar, a revolução mundial poderá triunfar, o socialismo poderá desenvolver-se.

## **Coletivo por uma Conferência Internacional do Trotskismo Principista**

### ***e das organizações operárias revolucionárias internacionalistas***

O POM se incorpora na convocação da Conferência Internacional dos Trotskistas pela importância da iniciativa e pela tentativa de reagrupamento de uma vanguarda de lutadores e grupos dispersos em meio à barbárie capitalista.

Dois pontos nos leva para engrandecer a iniciativa da Conferência:

A discussão programática e o agrupamento de setores pela concordância deste e o agrupamento de lutadores internacionalistas mesmo que em atividades praticas internacionais bem como a criação de um espaço permanente de discussão programática e de tarefas.

## INTRODUÇÃO À CONJUNTURA

A situação de miséria, desemprego, fome, violência e barbárie que assolam o mundo inteiro, principalmente nos países pobres/oprimidos atingem diretamente os trabalhadores desses países e piora consequentemente suas condições de vida, deixando-os em estado deplorável.

O sistema de exploração capitalista é responsável por tudo isso. É ele que faz com que o grau de degradação humana chegue a onde chegou e com tendência ao aprofundamento, tendo em vista que em função de sua crise profunda de superprodução, consequência da expropriação individual do trabalho coletivo que por sua vez advem da propriedade privada dos meios de produção (alta capacidade de produção e incapacidade financeira pelos oprimidos em adquirir a produção amontoadas nas lojas, supermercados etc.). Esta situação leva o sistema capitalista a crise que estamos presenciando e que aprofundará ainda mais. Não é um problema deste ou daquele governo e sim um problema do sistema. Os grandes capitalistas internacionais, os monopólios e oligopólios, o imperialismo se digladiam inicialmente na luta comercial e como foi nos episódios da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> guerra mundial evoluíram para a guerra bélica em busca de novos mercados, de matérias primas e de domínio. Hoje, já estamos vendo a evolução da luta por mercados e por se livrar da crise de superprodução capitalista que travam os imperialistas. Estamos vendo os EUA invadir o Iraque e manter uma ocupação que já dura um ano. A falácia foi as ameaças do terrorismo e de que Saddam possuía armas de destruição em massa. Nada disso é verdade e foi comprovado. O que é verdade é que os Estados Unidos e Inglaterra (empresas petrolíferas e de armas) necessitam controlar a região riquíssima e estratégica. Nesta luta do imperialismo por resolver a crise de superprodução, estes impõem plano e mais planos aos países oprimidos, para que estes entreguem cada vez mais a mais-valia retirada do sangue e sacrifício dos trabalhadores. Impõem a diminuição do estado no que se refere aos direitos sociais e aos serviços públicos, como é o caso da educação e da saúde, precariza os serviços com vistas a privatização dos mesmos e com as privatizações estes serviços serão prestados pelas empresas imperialistas. É o caso da Eletropaulo, da telefonia, das siderúrgicas, do Banespa, de grande parte dos serviços de saúde que eram e são da competência do estado, a educação pública que aos poucos vai virando brincadeira e objeto de chacota.

O PT que os oprimidos brasileiros depositavam e depositou confiança, com a sede de poder, que se assemelha à sede de lucro dos capitalistas para chegar ao poder através do voto, assumiu para si os planos

e metas imperialistas.

Este governo PT irá executar todas as medidas imperialistas, irá se desmoralizar rapidamente, pois quando da aceitação dos planos imperialistas já demonstraram toda sua corrupção.

Este governo PT não conseguirá realizar nenhuma reforma do interesse dos oprimidos e caso tentem já será tarde e será tirado do poder por um levante das massas infelizmente, com a direção da extrema direita imperialista.

As promessas ilusórias de campanha do atual governo foram o ponto chave para fazer com que os trabalhadores brasileiros depositassem total confiança tendo em vista que este era considerado de esquerda, dos trabalhadores e que possivelmente poderia resolver seus problemas. Mas, até agora o que temos presenciado é que não houve e não haverá combate a fome (**mais uma campanha de solidariedade, típico do capitalismo em crise**), ao desemprego, a violência e enfim a barbárie social, pois estes problemas só serão resolvidos com o fim do capitalismo e com a implantação do socialismo, e para piorar mais, não houve melhoria da escola e da educação pública, da saúde pública e etc. Na verdade, o governo Lula ainda tem o respaldo dos trabalhadores e por isso é que chegou ao poder com o apoio inclusive da burguesia nacional e internacional e mais ainda do imperialismo norte-americano.

Já implementou/aprovou a reforma da previdência aumentando em 7 anos para que os funcionários públicos possam se aposentar;

Já fez a reforma tributária, aumentando e criando mais impostos e taxas;

Já rebaixou os salários piorando a situação deixada pelo governo pró imperialista de FHC;

Já aumentou o desemprego e a fome ao contrário do prometido e da campanha contra a fome.

Agora aponta para mais duas reformas:

- Antes da eleição virá a reforma sindical. Os trabalhadores não são muito capazes de ligar as mudanças sindicais com seus bolsos e direitos. Já aprovaram na direção da CUT sem ouvir os trabalhadores das bases dos sindicatos filiados, a proposta de reforma sindical. Com acordos com a Força Sindical e o patronato, em nome de modernizar as relações de trabalho no Brasil, querem acabar com os sindicatos por categorias e transforma-los em sindicatos por ramos. Isto significa que por exemplo: Metalúrgicos o sindicato será em nível nacional, professores, químicos, borracheiros, comerciários também. Quem vai poder intervir nestes

sindicatos? Quem vai poder mexer nas diretorias quando estas traírem os trabalhadores como hoje já acontece na maioria deles? Sabem quem? Só mexerão nas diretorias dos sindicatos se forem do interesse do Estado e dos grandes partidos burgueses que são os únicos que possuem representação nacional. As organizações de base e a luta de base e independente dos burocratas dos patrões será tratado como caso de polícia.

- Após passar as eleições, virá a reforma trabalhista da CLT. Ai sim, os trabalhadores sentirão de perto. Mas já passou a eleição. Irão acabar com a obrigatoriedade do serviço registrado, das férias de 30 dias, do 13.º salário, do direito a gestante etc. tudo será deixado para a “livre negociação” entre patrões e “trabalhadores” (sindicatos transformados em centrais Sindicais pelegas e totalmente burocratizadas). Na verdade a negociação será entre patrão e patrão. Que lindo não é?

### CONSEQÜÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO

Em meio a estes ataques, os professores e demais trabalhadores em educação também sofrem as conseqüências. A cada ano seus salários são mais ainda rebaixados (mais de nove anos sem reajuste e em 2003 o governo Alckmin retirou 5% de seus proventos), centenas de professores desempregados todos os anos por causa da política de fechamento de escolas, não construção de outras, superlotação de escolas com quatro períodos e de classes, chegando a mais de 50 alunos em cada classe, sem falar da falta de funcionários, pois há anos o governo do Estado de

São Paulo não faz concurso público para escrivães, inspetores de alunos, serventes, merendeiras, guardas escolares.

Os professores no interior das escolas estão se responsabilizando por tudo, desde a questão pedagógica até a substituição de funcionários. Atuam inclusive na limpeza, na secretaria, na merenda e etc. E, o governo Alckmin/Chalita, demagogos da educação pública, saem falando para a população em geral que a culpa de que os alunos não estão aprendendo nada é do professor, sem contar que com sua política miserável de bônus impõe o terror dentro das escolas e ainda divide a categoria, pois os critérios utilizados pelo governo levam os professores a entrarem em conflitos entre si.

Todos nós sabemos que com relação a concurso público a política do governo do Estado de São Paulo, **Alckmin/Chalita**, não é a de promover concursos para todas as categorias do funcionalismo público. A pouco promoveu concurso para secretário de escola, concurso este que foi feito para promover poucos, visto que a maioria das escolas ainda se encontra sem secretários. O concurso para professores em 2003 foi aprovado milhares, mas que só serão chamados para o

ingresso no meio deste ano somente 14 mil, o que não concordamos nem com esse número irrisório muito menos com o ingresso no meio do ano, pois o prejuízo será enorme tanto para os alunos (quebra do processo de ensino-aprendizagem) quanto para os professores (quebra do projeto pedagógico e perda de vínculo de milhares).

A diretoria colegiada da APEOESP fez corpo mole em 2003, pois sua ampla maioria é e defende o governo Lula-PT e ajuda a implementar as reformas burguesas e imperialistas como a reforma da previdência e tributária; deixou que o governo Alckmin/Chalita retirasse 5% dos salários dos trabalhadores em educação. Para não se confrontar com o projeto reformista e imperialista de Lula e Alckmin ficaram o tempo todo propondo a unidade do funcionalismo público para construir a greve. Que greve? Várias categorias do funcionalismo público entraram em greve e a APEOESP nada. A demagogia do PT, PC do B e do PSTU está estampado novamente na primeira página do jornal da APEOESP de novembro/dezembro de 2003. Com certeza a nossa campanha salarial e defesa da escola pública estará em 2004 recheada de atos falaciosos e caravanas, pois estaremos num ano propício para os eleitores.

A categoria está cansada de demagogia eleitoral, de burocratas entreguistas, de conciliadores de classe, de sindicalistas corruptos que deixam de trabalhar e ficam ganhando dinheiro às custas dos trabalhadores. Não ao atrelamento do sindicato ao governo burguês e a burguesia/patrões. Que o sindicato organize os trabalhadores e leve-os a lutar pelos seus direitos e pelo fim do capitalismo.

**A Oposição Reconstruir na Apeoesp** tem claro que não basta só a unidade do funcionalismo, como também que os trabalhadores da mais valia entrem nesta luta em defesa da escola e da educação pública, pois este é um direito de todo o trabalhador e de seus filhos.

Neste sentido, fazemos um chamado a todos os trabalhadores em educação (professores, funcionários, especialistas) e demais trabalhadores produtores ou não do lucro para se juntarem conosco na luta em defesa da escola pública, da educação pública e dos educadores.

**A PRIMEIRA REUNIÃO DE R.E. DO DIA 17 DE MARÇO DE 2004, EM DIADEMA, APOSTOU PARA A CONSTRUÇÃO DA GREVE.**

**A ASSEMBLÉIA GERAL DA CATEGORIA NO DIA 26 DE MARÇO DE 2004, NA PRAÇA DA REPÚBLICA, DECIDIRÁ SOBRE OS RUMOS DO MOVIMENTO.**

**COMPAREÇAM!**

## **FILA VIRTUAL DISQUE SAÚDE/ DOENÇA**

O Sistema Único de Saúde já existe desde o ano 1988 em escala nacional.

Nestes anos, o sistema já passou por várias situações de mudanças que prometia melhorar a questão da saúde.

Porém, pelos serviços prestados na área da saúde em Diadema, tanto pelo município quanto pelo Estado vão de mal a pior.

O serviço de informatização foi prometido na campanha do atual prefeito como forma de resolver o problema das filas e do atendimento, porém o que vemos é: Desrespeito, filas, não atendimento, corrupção e compra de lideranças dos movimentos sociais para assumirem cargos de chefia. Os poucos médicos que trabalham no setor, devido ao desmando, às péssimas condições de trabalho, baixos salários e desrespeito para com a população, pedem demissão e vão embora.

Já no hospital Estadual do Serraria a situação não é melhor. O Hospital público, os equipamentos, aparelhagens e toda a estrutura do hospital conquistada através da luta e pelo dinheiro público está colocada a serviço dos convênios particulares graças a legislação do SUS. Precariza o serviço público de saúde para que floresça e se desenvolva o serviço privado de atendimento à saúde. O SUS é o parceiro, mãe da assistência privada e morte aos trabalhadores que não reúnem condições de pagar pelo serviço.

A municipalização da saúde, assim como da educação, respondem a mesma face: Privatizar os serviços.

**A verba do SUS para o Estado é cerca de R\$ 231 milhões por mês.**

Dividido entre o estado e municípios, os dados mostram que não é dinheiro que é necessário e sim compromisso político o qual não existe.

Doença- telefone ( espera, não consegue atendimento, não tem vaga)- 3 meses para atender-doença – telefone.

### **O QUE É O SUS?**

O Sistema Único de Saúde - SUS - foi criado pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pelas Leis n.º 8080/90 (Lei Orgânica da Saúde) e n.º 8.142/90, com a finalidade de alterar a situação de desigualdade na assistência à Saúde da população, tornando obrigatório o atendimento público a qualquer cidadão, sendo proibidas cobranças de dinheiro sob qualquer pretexto.

Do Sistema Único de Saúde fazem parte os centros e postos de saúde, hospitais - incluindo os

universitários, laboratórios, hemocentros (bancos de sangue), além de fundações e institutos de pesquisa, como a FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Vital Brasil. Através do Sistema Único de Saúde, todos os cidadãos têm direito a consultas, exames, internações e tratamentos nas Unidades de Saúde vinculadas ao SUS, sejam públicas (da esfera municipal, estadual e federal), ou privadas, contratadas pelo gestor público de saúde.

O SUS é destinado a todos os cidadãos e é financiado com recursos arrecadados através de impostos e contribuições sociais pagos pela população e compõem os recursos do governo federal, estadual e municipal.

### **CONTROLE SOCIAL NO SUS**

A Lei Nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, estabelece duas formas de participação da população na gestão do Sistema Único de Saúde: as Conferências e os Conselhos de Saúde onde a comunidade, através de seus representantes, pode opinar, definir, acompanhar a execução e fiscalizar as ações de saúde nas três esferas de governo: federal, estadual e municipal.

#### **Como Funcionam as Conferências e os Conselhos de Saúde**

Nas Conferências, reúnem-se os representantes da sociedade (que são os usuários do SUS), do governo, dos profissionais de saúde, dos prestadores de serviços, parlamentares e outros para "avaliar a situação da saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde" nos municípios, nos estados e no país.

O final da 8ª Conferência Nacional de Saúde de 1986 que serviu de base para a elaboração do capítulo sobre saúde da nossa Constituição Federal de 1988, quando foi criado o Sistema Único de Saúde.

De quatro em quatro anos deve acontecer a Conferência Nacional de Saúde, após a realização das Conferências estaduais e municipais, onde são apontados os rumos para o aperfeiçoamento do SUS.

Os Conselhos de Saúde são os órgãos de controle do SUS pela sociedade nos níveis municipal, estadual e federal. Eles foram criados para permitir que a população possa interferir na gestão da saúde.

de, defendendo os interesses da coletividade para que estes sejam atendidos pelas ações governamentais.

No início da década de 80, procurou-se consolidar o processo de expansão da cobertura assistencial iniciado na segunda metade dos anos 70, em atendimento às proposições formuladas pela OMS na Conferência de Alma-Ata (1978), que preconizava "Saúde para Todos no Ano 2000", principalmente por meio da Atenção Primária à Saúde.

A 8ª Conferência Nacional da Saúde, realizada em março de 1986, considerada um marco histórico, consagra os princípios preconizados pelo Movimento da Reforma Sanitária. Em 1987 é implementado o Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS), como uma consolidação das Ações Integradas de Saúde (AIS), que adota como diretrizes a universalização e a equidade no acesso aos serviços, a integralidade dos cuidados, a regionalização dos serviços de saúde e implementação de distritos sanitários, a descentralização das ações de saúde, o desenvolvimento de instituições colegiadas gestoras e o desenvolvimento de uma política de recursos humanos.

O capítulo dedicado à saúde na nova Constituição Federal, promulgada em outubro de 1988, retrata o resultado de todo o processo desenvolvido ao longo dessas duas décadas, criando o Sistema Único de Saúde (SUS) e determinando que "a saúde é direito

Entre outros, a Constituição prevê o acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde, com regionalização e hierarquização, descentralização com direção única em cada esfera de governo, participação da comunidade e atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas,

sem prejuízo dos serviços assistenciais. A Lei nº 8.080, promulgada em 1990, operacionaliza as disposições constitucionais. São atribuições do SUS em seus três níveis de governo, além de outras, "ordenar a formação de recursos humanos na área de saúde" (CF, art. 200, inciso III).

## **DESCENTRALIZAÇÃO DAS AÇÕES E SERVIÇOS DE SAÚDE.**

A formulação e a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) é a resultante de um expressivo movimento de reforma sanitária, inserido no movimento mais amplo de redemocratização do país e que teve na VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) um de seus "locus" privilegiados para o estabelecimento das grandes diretrizes para a reorganização do sistema de saúde no Brasil.

Tanto que a sua regulamentação só foi estabelecida no final de 1990, com as Leis 8.080 e 8.142, nas quais se destacaram os princípios organizativos e operacionais do sistema, tais como a construção de modelo de atenção fundamentado na epidemiologia, o controle social e um sistema descentralizado e regionalizado com base municipal.

No plano executivo, ocorreram atos normativos e administrativos que têm relações e implicações com a implantação e operacionalização da política de saúde, particularmente quanto ao seu eixo de descentralização/municipalização. Em 1990, o Ministério da Saúde, incumbiu o INAMPS, por meio da Portaria GM 1.481, de 31/12/90, de "implantar a nova política de financiamento do SUS para 1991...", surgindo, assim, a Norma Operacional Básica/SUS Nº 1,

**NOB SUS 01/91, aprovada e instituída pela Resolução INAMPS no 258, de 07/01/91. Essa NOB recebeu acentuadas críticas, particularmente por estabelecer o convênio como mecanismo de articula-**

ção e repasse de recursos e por ser centralizadora, embora se apresentasse como apoio à descentralização e reforço do poder municipal.

No mês de julho de 1991, a NOB SUS-01/91 foi modificada pela Resolução I-NAMPS no 273, de 17/07/91, com base nas propostas apresentadas, sobretudo, pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde - CONASS e pelo Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde -

CONASEMS. Em fevereiro de 1992, foi editada a Norma Operacional Básica do Sistema Único de Saúde para 1992, NOB-SUS 01/92, representando, na realidade, o "acordo possível" naquele momento.

A terceira Norma Operacional Básica do SUS, NOB-SUS 01/93, como estratégia, foi o referencial do processo de implantação do SUS desde aquele momento, tendo procurado sistematizar o processo de descentralização da gestão do sistema e serviços, num esquema de transição, com diferentes níveis de responsabilidades para os Estados e Municípios e, por relação, do próprio Governo Federal. Neste sentido, houve alteração no quadro encontrado de 1992 até dezembro de 1994, tendo como eixo central o processo de formulação e implantação da NOB SUS 01/93, expressão prática de decisão política da "Ousadia de Cumprir a Lei", ou seja, a Constituição e as Leis do SUS.

**Para os Municípios, foram estabelecidas três condições de gestão:**

Incipiente, Parcial e Semi-Plena e para os Estados, duas: Parcial e Semi-Plena. Para a coordenação, gerenciamento e controle deste processo, foram criadas

as Comissões Intergestoras Bipartite - CIB e Tripartite - CIT, como fóruns permanentes de negociação e deliberações. Este processo foi implantado a partir de novembro/dezembro de 1994, sendo que no Brasil, em fins de 1994, foram habilitados e assumiram esta condição de Gestão Semi-Plena 24 (vinte e quatro) municípios. Em fins de julho de 1995, estavam habilitados 43 (quarenta e três) municípios, perfazendo um total de 0,86% dos municípios, compreendendo 7,4% da população e 10,07% dos recursos alocados do sistema financeiro das despesas federais para o custeio (SIA/SIH/SUS), da assistência médica. Ao final de 97, já havia mais de uma centena de municípios no Brasil, habilitados na Gestão Semi-Plena, com cerca de 12% de população e 20% dos recursos do teto financeiro.

Dada a complexidade do processo, e a necessidade de seu aprimoramento, e o momento político de novas gestões federal e estaduais, começou a ser estudada e formulada a quarta Norma Operacional Básica do SUS, a NOB-SUS 01/96, que avança o processo de municipalização do setor saúde e, embora com as dificuldades referentes ao financiamento do SUS, foi implantada no início de 1998. A NOB-SUS 01/96, publicada no Diário Oficial da União, através da Portaria GM/MS, de 06/11/96, permite o estabelecimento do princípio constitucional do comando único em cada nível de governo, descentralizando os instrumentos gerenciais necessários por meio das formas de gestão propostas, caracteriza as responsabilidades sanitárias de cada gestor, definindo como principal operador da rede de serviços do SUS o Sistema Municipal de Saúde, permitindo aos usuários ter visibi-



lidade dos responsáveis pelas políticas públicas que determinam o seu estado de saúde e condições de vida.

A NOB-SUS 01/96, estabeleceu, duas condições de gestão municipal: Plena da Atenção Básica - GPAB e Plena do Sistema Municipal - GPSM. Para a gestão estadual estabeleceu também duas condições: Avançada do Sistema Estadual - GASM e Plena do Sistema Estadual - GPSM. Para o Ministério da Saúde estabeleceu quatro papéis básicos: a) exercer a gestão do SUS, no âmbito nacional; b) promover as condições e incentivar o gestor estadual com vistas ao desenvolvimento dos sistemas municipais de modo a conformar o SUS Estadual; c) fomentar a harmonização, a integração e a modernização dos sistemas estaduais compondo, assim, o SUS Nacional; e d) exercer as funções de normalizações e de coordenação no que se refere à gestão nacional do SUS.

A NOB-SUS 01/96 estabeleceu, também, em relação ao financiamento federal do SUS, as Transferências Regulares e Automáticas Fundo a Fundo e a Remuneração por Serviços Produzidos, para assistência hospitalar e ambulatorial, para as ações de vigilância sanitária e e para as ações de epidemiologia e de controle de doenças, mantendo neste último caso a modalidade da Transferência por Convênio.

Por último, se aprovou a Norma Operacional da Assistência à Saúde - NOAS-SUS 01/2001, através da Portaria Ministerial Nº 95, de 26 de janeiro de 2001, ampliando as responsabilidades dos municípios na atenção básica, definin-

do o processo de regionalização da assistência, criando mecanismos para o

fortalecimento da capacidade de gestão do Sistema Único de Saúde e atualizando os critérios de habilitação de estados e municípios.

### Saúde em São Paulo

O Estado de São Paulo passa, a partir de agosto de 2003, a ter autonomia total para gerenciar recursos do Sistema Único de Saúde (SUS). Em reunião entre Estado, Prefeitura de São Paulo e governo federal, em 26 de junho, foi decidido o credenciamento do Estado de São Paulo como Gestão Plena. A Prefeitura também recebeu o credenciamento e começa a participar do sistema.

Com a Gestão Plena, o Estado terá total autonomia para cobrir deficiências e organizar a Saúde paulista, aplicando dinheiro do SUS. "Será possível organizar melhor os recursos, cobrir possíveis deficiências de uma cidade com transferência de repasses", afirma o secretário de Estado da Saúde, Luiz Roberto Baradas Barata. **O teto financeiro do SUS para o Estado não foi alterado. São Paulo continuará recebendo cerca de R\$ 231 milhões por mês.**

Na capital, com a gestão plena da Prefeitura, as vagas em hospitais serão gerenciadas por uma central reguladora do município. O atendimento à população deve tornar-se mais rápido, já que hospitais municipais, estaduais e filantrópicos terão somente um administrador de vagas, neste caso a Prefeitura de São Paulo.

Continuam com o gerenciamento de vagas pelo Estado o Hospital das Clínicas, a Santa Casa de São Paulo e o Hospital São Paulo, já que essas instituições recebem grande quantidade de pacientes de município do interior e de outros Es-

tados. "O Estado dará um suporte à Prefeitura até a total organização do sistema de gerenciamento vagas", diz Barradas.

O segundo e terceiro orçamentos de Saúde do país (o Estado e a Prefeitura de São Paulo, respectivamente) agora têm gestão plena\_ o primeiro é o Ministério da Saúde. "É um grande exemplo de compromisso para melhorar a saúde assumido pelos governos municipal e estadual", conclui o secretário.

### O que muda:

Estado continua responsável pelos recursos humanos, administração e financiamento dos hospitais;

Prefeitura assume o gerenciamento de vagas em hospitais, exceto no Hospital das Clínicas, Hospital São Paulo e Santa Casa de São Paulo; Secretaria é a responsável por organizar e definir locais de investimento de todo o dinheiro repassado pelo SUS para o Estado;

Estado acompanha o início do gerenciamento de vagas pela Prefeitura;

Prefeituras do interior com Gestão Plena, assim como a capital em agosto, recebem verba do SUS diretamente do Ministério da Saúde

### O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

A atenção à saúde, no Brasil, é realizada através da combinação de dois sistemas: o **público**, que compreende o Sistema Único de Saúde - SUS, e o **privado**, que compreende o Sistema de Atenção Médica Supletiva (Planos de Saúde, Hospitais e Consultórios Particulares, Cooperativas, etc.). O sistema público, o SUS, envolve prestadores públicos e privados e grande parte dos prestadores privados atende, simultaneamente, ao sistema público e ao sistema privado.

Quase 80% da população a **gerência das ações e serviços de saúde** para os municípios.

Com a municipalização, o município passa a ser o responsável imediato pelas necessidades de saúde de seus munícipes, porém não o único. Ou seja, a municipalização não exime os demais poderes públicos (União, Estados e Distrito Federal) e a sociedade da co-responsabilidade pela saúde. (CF, Artigo 194, caput).

A habilitação de um município em uma das **condições de gestão** definidas na Norma Operacional da Assistência à Saúde – **NOAS-SUS 01/2002 – Plena da Atenção Básica Ampliada – PAB-A e Plena do Sistema Municipal - PSM**, significa o gestor municipal (Prefeito Municipal), declarar assumir compromissos perante os outros gestores do SUS – Ministério da Saúde, (Secretaria Estadual de Saúde e demais Secretarias Municipais de Saúde), e perante a população sob sua responsabilidade

## O ovo da serpente

Primeiro ressaltar que este é um título impróprio para algo que já se encontra disseminado em todo o mundo com dimensão proporcional ao alcance televisivo e da informática. Pois já se faz plenamente aprimorado a doutrina capitalista, capaz, hoje mais do que nunca, de manipular as massas ou embrutecê-las ao ponto que isto seja possível (a manipulação).

Enquanto somos (nós e nossos filhos) educados nas escolas do capital, em suas universidades, em suas igrejas, em suas empresas e seu meio-ambiente, reproduzimos sua essência: o individualismo, a ganância, a hipocrisia, a indiferença, a promiscuidade e a violência.

Nas escolas somos analfabetizados (deseducados), politicamente à priori, pois para manobrar os meios-de-produção e engrossar o exército de reserva (desempregados) não é preciso saber muita coisa. Nas igrejas e outras instituições somos domesticados, apaziguados, para que a exploração nas indústrias e a opressão diária sejam justificadas, abrandadas. Em seu meio (sistema) somos induzidos, assediados, vencidos e marginalizados.

Nas instituições do capitalismo se reproduzem as idéias burguesas, como não poderia deixar de ser. Àquelas que em seu ápice subversivo não prejudicam os alicerces do capital. Somos preparados para preencher, ou não, os quadros da máquina capitalista. Persuadidos a competir e disputar espaços, de conquistar patrimônio (bens), status, de lutar vorazmente por nossa sobrevivência em detrimento dos excluídos. Sempre é proclamado a versão progressista do capitalismo, seu aspecto humano, democrático, evolutivo e eficaz; ignorando, porém, a tênue ligação deste com a barbárie e com o fascismo.

Todavia, são os meios-de-comunicação a melhor ferramenta para a difusão das idéias burguesas. Uma vez que os jornais, emissoras de rádio, revistas, editoras, programas televisivos, eventos culturais e artísticos encontram-se nas mãos da burguesia, a serviço desta.

É deste modo que se bombardeiam as mentes operárias, que as influenciam. Deste modo que se barbariza a sociedade, visto que um povo barbarizado é um povo manipulável. A mídia dá enfoque às

atitudes individualistas, à indignação dissimulada, a promiscuidade e à indiferença aos problemas sociais. Como se tudo sempre houvesse sido desta forma e não pudesse ser de outra.

A exemplo disto promovem-se projetos que vos capacitam para concorrer no mercado de trabalho; promovem-se entidades que praticam caridade ou, muito pelo contrário, promovem-se campanhas como o “Amigo da Escola”, “Criança Esperança”, “Fome Zero” que desenvolvem solidariedade (assistencialismo) com sua contribuição, isentando-os da responsabilidade. Divulgam-se na imprensa atos que causam estranheza, como a ultra-violência e a corrupção, como pragas inevitáveis sem apontar as suas verdadeiras causas.

Fala-se de democracia, de inclusão social, de reformismo e direitos humanos sem, no entanto, mencionar a impossibilidade destes num sistema contraditório, excludente, explorador e repressivo.

As novelas, tele-jornais, publicações banais, a promiscuidade revelam o seu despropósito cultural. Ou melhor, seu contrário. O próprio ovo da serpente; que se introduz no seio das massas, que as corrompe, que as desorienta e aliena. Do qual, dia após dia, se discerne o réptil vil e violento, a medida em que programas como o “Big Brother Brasil” promovem a vulgaridade, o individualismo, a violência dissimulada e o xenofobismo. Eis companheiros uma experiência em larga escala! Que trabalha os tele-espectadores e despem-os dos conceitos de moral. Eis uma bomba de efeito moral, que dispersa a consciência e treina (prepara) a população para um estado de barbárie. Onde os excluídos não de ser eliminados; o neonazismo se torna presente; o capitalismo assume sua forma pura e o “ovo” pode germinar mortalmente.

Mirem-se nos exemplos de resistência do povo mulçumano diante da retaliação de sua gente, a invasão de seus países e exploração de todos os recursos naturais destes. Porque a sede capitalista não saciará enquanto não usurpar de todas as fontes de riqueza e produção do mundo inteiro.

Com sua política expansionista os E.U.A. procuraram abranger e controlar todo o mercado econômico mundial; submeter e explorar todas as nações. Em busca de matéria-prima (**petróleo** no oriente médio, **água potável** e **florestas** como no Brasil, África e países tropicais e etc), de mercados consumidores (como a Ásia), de mão-de-obra “escrava”, de reprimir a concorrência e as massas revoltosas e, inclusive, em busca da monopolização patenteada da vida (natureza) como no caso dos transgênicos.

Através da exploração capitalista a miséria se alastra e com ela a guerra. Enquanto os seus propulsores levam consigo a destruição das forças produtivas indesejáveis conduzindo o povo à barbárie.

Mediante esse quadro admiremos os feitos de coragem daqueles oprimidos. Não ideologicamente, pelos atentados terroristas dirigidos, à população civil. Mas pelo repúdio a infiltração imperialista. Repúdio este expressado pelas manifestações públicas, denúncias proclamadas além da barreira do medo, confronto com penetração norte-americana, pela sua persistência e, inclusive, pela convicção em seus ideais no anseio de liberdade.

Convicção que não se esquivou ou corrompeu com a hipócrita democracia burguesa. Com a falácia de um Estado Democrático que permite e institucionaliza a exploração do homem pelo homem através da mais-valia, da força e da alienação. Convicção que leva pessoas a desferirem ataques com bombas atreladas ao peito ou a conduzirem aviões contra aquilo que acreditam representar a maldita ordem imperialista. Bravura que, todavia, não os conduzem à destruir a causa de tanta desgraça — o **capitalismo**. Servindo arbitrariamente aos interesses ocultos do capitalismo de modo dissimulado.

Compreendamos que não devemos empreender esforços para expurgar o parasita explorador (seja ele Bush, Saddam, Blair, Bin Laden, FHC, Lula e etc) sem que se ponha por terra o aparelho (sistema) que o sustenta. Este regime que reproduz a cultura individualista, excludente, violenta, contraditória e dissimulada que têm por alicerces:

- A propriedade privada dos meios-de-produção, que delibera os detentores do poder;
- A apropriação individual da produção coletiva, que expropria os trabalhadores;
- A mais-valia, onde se dá a exploração recíproca (do homem pelo homem);
- A força bruta e os meios coercitivos, aos quais estamos subordinados.

Compreendamos os objetivos históricos dos oprimidos. Que lutamos instintivamente pela coletivização dos meios de produção, do trabalho coletivo, da igualdade dialética, da consciência de sua condição e do seu papel na sociedade.

A verdadeira libertação companheiros, se dará com a Revolução Operária (Ditadura do Proletariado) do povo consciente agregado a um organismo vivo chamado partido. Um partido que é a expressão da democracia operária e dirigida por esta. Sem iludir-se com preceitos demagogicamente democráticos e com os trâmites burgueses. Quando expropriaremos os exploradores; sepultaremos o capitalismo; tomaremos as rédeas do Estado e o povo saberá, com mais convicção que um kamikaze, que o comunismo é a expressão da liberdade. Quando não houver mais a exploração de um homem por seu semelhante, lucro, individualismo, preconceito, desigualdades, sem opressão e, desse modo, um dia sem Estado. Eis um motivo porquê lutar.

## Comitê Nacional de Luta Direta

### Fora as tropas do Iraque, guerra ao Imperialismo

Um ano após a invasão e ocupação do Iraque pelo Imperialismo três tendências se confirmaram:

- Desmascarou a falácia dos Governos Bush e Blair de que Saddam Hussein possuía armas químicas de destruição em massa! Que a guerra foi uma guerra de rapina, por petróleo e reaquecimento da economia americana e que nesta investida houve uma disputa entre o Imperialismo anglo/americano e as potências como França, Alemanha e Rússia, levando a melhor o primeiro;
- A resistência heróica dos povos muçulmanos, denunciando o caráter opressor e sanguinário do Imperialismo (Bush e Blair) e exigindo a retirada das tropas, bem como a autodeterminação do povo Iraquiano e Palestino;
- A necessidade dos oprimidos do mundo de se organizarem de forma independente, tendo claro que o mundo capitalista caminha para a barbárie e o controle do planeta pelas armas. Que somente o Movimento Revolucionário Internacionalista na luta Direta poderá declarar guerra ao imperialismo, fase superior do capitalismo, e colocar na ordem do dia a revolução proletária e a expropriação da burguesia mundial como única forma de barrar a barbárie e impedir as guerras de rapinas contra os povos.

Após os atentados de Madrid, que vitimaram duas centenas de trabalhadores, o povo espanhol mostrou o caminho, se levantando contra Bush e Blair, exigindo a retirada das tropas espanholas do Iraque.

Nós, Trabalhadores da América Latina, exigimos o fim das guerras imperialistas e a imediata retirada das tropas do Iraque e Palestina, não à política imperialista de formação dos blocos econômicos, ALCA, MERCOSUL, NAFTA, CEE etc, como forma de dominar mercados e recolonizar o mundo. Chamamos a todos a nos organizarmos na luta de resistência das massas e unidos pormos fim ao sistema capitalista.

Convocamos todos os Lutadores para uma Plenária do Comitê Nacional de Luta Direta para o dia 24 de abril de 2004 das 9:00 às 17:00 horas na Rua Marquês de Itu, 298, próxima Praça da República, Centro-São Paulo, com a seguinte pauta:

- Conjuntura
- Organização do Comitê
- Tarefas

Comitê Nacional de Luta Direta

### Fora as tropas do Iraque, guerra ao Imperialismo

Um ano após a invasão e ocupação do Iraque pelo Imperialismo três tendências se confirmaram:

- Desmascarou a falácia dos Governos Bush e Blair de que Saddam Hussein possuía armas

químicas de destruição em massa! Que a guerra foi uma guerra de rapina, por petróleo e reaquecimento da economia americana e que nesta investida houve uma disputa entre o Imperialismo anglo/americano e as potências como França, Alemanha e Rússia, levando a melhor o primeiro;

- A resistência heróica dos povos muçulmanos, denunciando o caráter opressor e sanguinário do Imperialismo (Bush e Blair) e exigindo a retirada das tropas, bem como a autodeterminação do povo Iraquiano e Palestino;
- A necessidade dos oprimidos do mundo de se organizarem de forma independente, tendo claro que o mundo capitalista caminha para a barbárie e o controle do planeta pelas armas. Que somente o Movimento Revolucionário Internacionalista na luta Direta poderá declarar guerra ao imperialismo, fase superior do capitalismo, e colocar na ordem do dia a revolução proletária e a expropriação da burguesia mundial como única forma de barrar a barbárie e impedir as guerras de rapinas contra os povos.

Após os atentados de Madrid, que vitimaram duas centenas de trabalhadores, o povo espanhol mostrou o caminho, se levantando contra Bush e Blair, exigindo a retirada das tropas espanholas do Iraque.

Nós, Trabalhadores da América Latina, exigimos o fim das guerras imperialistas e a imediata retirada das tropas do Iraque e Palestina, não à política imperialista de formação dos blocos econômicos, ALCA, MERCOSUL, NAFTA, CEE etc, como forma de dominar mercados e recolonizar o mundo. Chamamos a todos a nos organizarmos na luta de resistência das massas e unidos pormos fim ao sistema capitalista.

Convocamos todos os Lutadores para uma Plenária do Comitê Nacional de Luta Direta para o dia 24 de abril de 2004 das 9:00 às 17:00 horas na Rua Marquês de Itu, 298, próxima Praça da República, Centro-São Paulo, com a seguinte pauta:

- Conjuntura
- Organização do Comitê
- Tarefas









